

Reflexão crítica sobre o romance «O Evangelho segundo Jesus Cristo» — ou o «Kakangélion» * de J. Saramago

«...Não diremos, como um poeta disse, que o
melhor do mundo são as crianças, ...»

(J. SARAMAGO, Id., p. 343)

Tem Saramago direito a dizer-se ateu, se não encontrou a fé, (talvez por demais a buscar como “coisa” verificável), mas não, pela palavra, a intrometer-se na sensibilidade alheia e de toda uma tradição sagrada — ao tornar pública a sua (numa expressão que é o inevitável social da linguagem) como um “pasquim” anti-cristão. Não é apenas uma sua inocente ficção interpretativa do “Evangelho”, mas uma intencional atitude de «verve», já não só daquele anti-clericalismo do passado, mas de um anti-cristianismo primário, não menos passadista e sempre efémero.

E, se se quisesse fazer aqui um, também maldoso, “pre-juízo” de intenção, como que se poderia escutar o Autor a pensar: “... E por que não uns «Versículos Satânicos» do Cristianismo?...” — A pergunta terá surgido fulminante e sedutora. — ...Sim, que este tempo não está para as ancestrais *demandas*, ...muito menos segundo a paciência do mistério de um “Santo Graal”... — Tentadora sugestão, teletransportada naquela lição célebre do consumismo duma economia de escân-

* Teve-se a ousadia, neste texto de intervenção, de inventar este neologismo, pois como se sabe “*evangelho*” (do grego eu = «bem», «bom» + *angélion* = «anúncio», «nova») é no contexto deste romance o seu justo oposto: a “má notícia”, o “presságio ruim”... Por isso formou-se ainda a partir do grego: *kakós* = «mau», «nocivo» + *angélion*, já referido. Cacofônico, e para mais como epígrafe, talvez seja este o irônico prémio daquele outro seu pretencioso e falso título!

dalo. O escritor insigne e, por certo, competentíssimo tem a “deixa” que convém a uma “raiva” antiga e a obra faz-se romance. “... Que a ideia não é de perder: vende bem!...”

Não tem a sua crítica mordaz a profundidade que demove e faz pensar, de uma leitura faústica à maneira de Goethe, de um nihilismo de Nietzsche, ou mesmo, entre nós, da «Velhice do Padre Eterno» de Junqueiro, ou do “anti-cristismo” de Pessoa — não há nada de generoso no escrevinhar de Saramago.

Apenas ressumam das entrelinhas intenções torpes e propósitos mesquinhos, um risinho irónico instalado na soberba sobrançeria dos “bem-pensantes” que decidiram na sua cabeça o mundo, a vida, “Deus” e tudo. Se se analisassem mais a fundo os propósitos e andamentos deste ou daquele capítulo, sobretudo em determinados passos, não se encontraria o camartelo demolidor do grande génio, nem a ironia finíssima do observador de consciência, mas apenas a prosa do humano “doente”, ou ao menos moralmente decadente, que dá da realidade impositiva das coisas uma visão preconceituada, abstracta, naquela “metafísica” dos realistas ingénuos que ainda não perceberam a linguagem funda, não apenas das projecções psicológicas, transcendentais e outras, mas da própria desconstrução objectiva do real na sua materialidade suposta decisiva e consistente.

Mas esta é uma questão geral de todo o “realismo” em arte, com mais ou menos “neo”, em menor ou maior empenhamento vanguardista ou de alteração de consciência, sem se dar conta disso — é claro. De facto, o real histórico efabulado, em certo mimetismo seguidista e de moda no panorama do estafado romance europeu recente (quase num último alento passadista, *démodé*, para nova-moda deste investimento liga muito ao papel interventivo, social, ideológico, etc., da própria escrita) — em imitação de M. Yourcenar, no seu «Adriano», de Gore Vidal, no seu «Juliano», ... ou mesmo, entre nós, de uma Agostina Bessa Luís, por exemplo, em «A monja de Lisboa»... — esse real histórico suposto *positivo e básico* é, outrossim, um constructo mental-epocal e de acordo com o questionário do presente.

Há neste romance uma *densidade de letra* (assaz de louvar) que como se remete para uma “verdade” histórica desse relato do seu “Evangelho”. É estranha essa ingénua admissão da *verdade* do que se conta, ou ao menos da verosimilhança aqui pretendida, pois, como o Autor devia conhecer da epistemologia dialéctica marxista, a verdade não é tão só positiva, mas supõe uma definição de contornos sociais e de dinamismos económicos e políticos.

Não há, nesta perspectiva, a certeza positiva do que se disse, mas uma verdade eficaz, a fazer-se e de acordo com uma denúncia e

ruptura com uma imposta verdade burguesa abstracta e ideal. Não são os factos que são verdadeiros, senão a sua integração na análise politicamente correcta do ponto de vista de uma ciência do social e do histórico, o que faz ultrapassar aquele mecanismo positivista seródio que parece ser a visão de quadros fixistas da «realidade» do Evangelho — quase à maneira dos “mistérios” no teatro religioso medieval. Mas não foi Augusto Comte quem passou do positivismo metódico ao sistema do cientismo, com catecismo e tudo, numa *soit-disant* «religião da Humanidade»?

É certo que se poderia encontrar a coerência do marxismo ateu de Saramago no “nariz de cera” colado à obra, como apêndice entredito e no mesmo nível cáustico (ou de corrosiva influência): — que afinal toda a tradição ocidental cristã não se baseia em algo de “verdadeiro” mas num vazio, numa fraude colossal. Seria esta a verdade dialectizada, purgante e eficaz no demolir da mentalidade religiosa conservadorista e ideal, a denunciar o que pareceriam as formas alienatórias e impeditivas — como «corôa de espinhos» na cabeça de cada qual, a impedir que «cada um seja o rei de si mesmo», que naquela libertação está destinado a ser.

Neste sentido é como se se advogasse um eco de puro *incómodo psicológico* de Saramago em relação aos Evangelhos e a tudo quanto de “doentio” neles, ou melhor, numa hermenêutica e moralização longamente estabelecida, se veio a decantar. Irritação, misto complexo de recusa e de cumplicidade bem lá no fundo de si mesmo,— o Autor defende-se e ironiza nas suas páginas aquela imagem mesma que «exorciza» do trauma profundo. Inspirado de uma “polémica” sempre profícua em termos comerciais de venda do produto cultural (marketing e capitalismo de intenção!) como a de temáticas fílmicas tais as de «As Horas de Maria», ou «A Tentação de Jesus Cristo» de Scorcese... — mas diferentemente de alguns dos motivos “psicológicos” destes outros libelos’ ... «Saramago parece ressoar «L’Évangile au risque de la psychanalyse» (F. Dolto e G. Séverin), esquecendo todavia que na metodologia da psicanálise tudo se reflecte sobre si mesmo e, neste caso, sobre o «Evangelho segundo Saramago», para não dizer tão só «dele». Quando analisa a *culpa* do pai, José, quando projecta no Filho a expiação edipiana, e caracteriza pela atitude do «teen-ager», quase num impossível «aggiornamento» à maneira de certas “pastorais” post-conciliares, quando se refere à iniciação sexual por Madalena, etc., etc., — não só cai nos estafados lugares comuns duma lógica que aceita sem problematizar ou reconhecer em qualquer aporética (como, pelo contrário, sempre esteve presente na indómita mensagem da tragédia clássica ou até no teatro de Sartre, por exemplo), mas ainda se

projecta nos seus «complexos» como «deus» fautor de toda a engrenagem que é sua e dos seus baixos “códigos” morais.

Sim, porque de códigos ou estereótipos de acção se trata: os personagens desta história personificam aquelas ideias da “cabeça” de Saramago, ou mais propriamente o que de outro lado “lhe vem à cabeça” — porventura numa reacção aparentemente salutar que se revê no jovem revoltado, na denúncia hipócrita da culpa não assumida, inclusivamente no que lhe parece ser a dignidade do julgar — fazer justiça — e não perdoar confusa e injustamente, etc., etc.

Porém, se se percebe linearmente a lógica que leva a denunciar aquela figura de Jesus, edulcorada de retábulo de sacristia, do beatério impotente ou do consolo dúbio das “castas” virgens perante uma tipologia humana exangue, de «castrati» ou de macilenta divindade tristíssima e lúgubre no seu etéreo, mavioso pisar “quase sem tocar a terra”... — há na reacção polar,— realismo piloso, impúdico, de viril macho sagrado e quase guerrilheiro de uma onífrica libertação de inocentes, embora afinal “bode expiatório”, etc. — há, em tudo isso, o exacto complemento do *mesmo*.

Em ambos os casos visão traumática cíclica no círculo repetitivo de uma análise que não liberta para a compreensão de *alguém* seja quem for e, assim, muito menos para o acercamento d’Aquele de quem “nunca se será digno sequer de desatar as correias das suas sandálias”.

A Saramago falta-lhe esta reflexão sobre o *calçado*, sobre a base mesma da compreensão do homem — que talvez se possa ler na meditação estética de um Martin Heidegger, quando justamente reflecte sobre “Os sapatos do camponês” de Van Gogh! (em *Der Ursprung der Kuntswerkes*). Um sentido de profundidade no real, uma sua compreensão num contexto em que o dizer é produção «poietizante» que obra um inacabado, um “a pensar”, um vazio mesmo e ilimitado no que limitado e positivo parecia.

Quando sugere o grande “vazio” sobre o qual se funda, afinal em fraude, o Cristianismo, está enfim a acertar sem querer — é no despojamento, na metodologia do *nada mais* que resta por dizer, no incógnito, no impensável e no não-histórico que se funda esse outro acesso na luz nocturna da fé (cf. S. João da Cruz), no grito não respondido de uma comunidade de esperança, na doação e aceitação de uma partilha de *Amor sem razão* que é Ele, Evangelho-Homem como mistério sacramental.

Mesmo quando se fala de uma “História Sagrada”, a expressão pode ser equívoca e suscitar tantas vezes a ideia probatória positiva dos factos históricos, testemunhais ou documentais..., quando, afinal, o que está em causa, além desse plano de referência, é o *Acontecimento*,

como dimensão já não fáctica, mas ontológica e vivencial — dir-se-ia um ‘historial’ do Ser — que se determina num outro acesso iluminativo de consciência, de encontro interior, como aliás foi dado ver a S. Paulo no seu “Evangelho” — não o Jesus «história», mas o Cristo “esperança e glória” em cada um: a descoberta interior do Espírito e pelo Espírito desse «já não sou eu, mas Cristo em mim» (Gal., 2:20).

É a partir desta perspectiva aliás não muito diferente da do Evangelho de S. João, ou mesmo dos Sinópticos, se se ultrapassar aquela redutiva, e por isso enganosa, leitura literalista — que se dá o encontro com Jesus de Nazaré, encontro tão raro e sublime, que *nunca é por se falar dele que já está dado*.

Saramago fala demais de Jesus no seu “Evangelho”, quando, por outro lado, chega a reconhecer numa preciosa intuição, se explorada a fundo, que os personagens da sua história “mal se conhecem uns aos outros”, (p. 205). Estaria aí menos o serem títeres puxados pelos cordelinhos malévolos do demónio contador que encarna em Saramago, do que uma realidade profundíssima na experiência que supera a aparente e psicológica conversa, conhecimento e relação entre as pessoas. Nessa dimensão do desconhecimento de si e dos outros outra realidade consciente advém como aquele termos de silenciar todas as anteriores imagens, de quem quer que seja, de Jesus, e da sua idolatria sistemática.

Se há grupos ditos cristãos, sobretudo protestantes, que repetem até à náusea, o “doce nome de Jesus”, num “tutear-se” n’Ele, como se fosse um vício de alma, também o dizer insistente do realismo verbal de Saramago impede o des-encontro — «a mística perca de Jesus no Templo» — para um outro e sugestivo diferente encontro.

Neste sentido a sua escrita é um agarramento artificioso, uma plataforma, sem ser ponte ou passagem: retrato tão parado quanto uma ficção de pedra. Calhaus de palavras aos montes num misto de delapidação a fazer, ou já feita. Incôscio dizer do que nele é a própria inquietude de um não encontrar a *vítima*, a vítima inocente, um não compreender o Amor crucificado.

Ao contrário, nas grandes expressões da autêntica cultura — que não consiste apenas na arte de bem escrever, mas de assinalar o bem, ou de bem fazer (não tenhamos receio de o dizer) — encontra-se a *reverência* do dizer, a força contida da grande mensagem que se detém em interrogações e que medita (mediando assim) um *encontro*. Se se tomar como exemplo o “Jesus” de Khalil Gibran, entre outros,— tem-se presente o sentido humaníssimo e, por isso, aberto do reverencial criativo perante o grande Mestre de sabedoria. E o mesmo se exige perante Buddha ou Mahavira, perante Mahomet, ou mesmo Gandhi.

A vida destes homens transcende o comum e preconceituado entendimento humano, porque se acomete aqui a diferença mesma no *novo* e liberto das usuais concepções redutoras.

Justamente o que de modo dogmático Saramago denega, ao contar sempre a vida de Jesus como a de um homem qualquer, isto é, segundo o que Saramago julga ser o “comum” a partir de uma decadente imagem sua do humano.

Sem dúvida que certo ensinamento da Igreja não está isento de responsabilidade na tendência ali extremada, pois muito se tem insistido para evitar ou precaver certo angelismo neo-platonizante — na dimensão encarnacional e comum de Jesus, em tudo igual ao *homem* (menos no pecado), o que no seu exclusivismo é uma pastoralfíssima “mentira”, ainda que porventura eficaz, no sentimento de cumplicidade mundana dos homens, até quase em Saramago, assim convertido ao *humanismo “cristão”* numa envergonhada ou psicanalítica «teologia da libertação, que talvez melhor se pudesse dizer uma “antropologia da culpa (de lembrar ainda J. Delumeau, «Le péché et la peur»...).

É que Jesus, como de outro modo Buddha ou Sócrates... — não é o igual do homem, mas o índice claro de um seu diferente número e nome, um *Uber Mensch* quiçá, na delirante e quase certa visão de Nietzsche, ou outrossim um *Deus-humanado*, como na Transfiguração em todos os “Tabor” da experiência espiritual e da vidência mística se soube reconhecer. Há por aquela aparente pequena diferença de *impecabilidade* a criativa abertura para uma compreensão de fé, que nada tem a ver com os estereótipos objectivos de uma antropologia à Saramago, isto é, à Cromagnon (cf. p. 201).

Trata-se de diferentes visões do mesmo, e não do mesmíssimo olhar — adormecido de indiferença — circulante pelo diferente; o sobrenatural e a realidade de fé não é *uma crença onírica a somar* à realidade, mas outrossim a fissura que no comum mostra algo de não reduzido e ordenável pela mesma economia gasta de um entendimento linear. Aliás, Saramago dá-se conta disto, quiçá como confissão perplexa de como lhe advém a criatividade efabulante, quando põe na boca, ou melhor, na mente de José a meditação acerca do modo de encontrar um acerto profundo: É não pensando, mas deixando o discurso à deriva, para depois saltar súbito sobre o surpreso sujeito — “caça intuitiva”, dir-se-ia (pp. 90-91).

Porém, nada disto é aproveitado no muro de palavras com que se constroem as paredes-páginas deste “evangelho”. A intuição suspensiva, o acerto abrupto, a “pedra rejeitada” pelo construtor — nada aparece. Só o anti-simbolismo de uma palavra coalhada de sensações

no código social de uma moral suja de tão dedilhada, de tão manipulada no sem-brilho de uma conversão que fosse à luz imaculada da Vida.

Anti-simbolismo sistemático e por isso extraordinariamente monótono, recursos de artifício de escrever que não levam longe, antes cerceiam o olhar que quer ver (e compreender), numa cegueira que se mete pelos olhos dentro (como uma “lavagem ao cérebro” de dogmático ateísmo, mas não só...). Por exemplo, o transpor e antecipar a Crucifixão nos crucificados outros, na própria morte imaginada de José e pai, como inocente e culpado na ambiguidade antecipadora dos trinta e três anos de idêntico destino repetido hereditariamente! (p. 166), etc., etc.

Anti-simbolismo e não realismo — eis pelo que as cenas da Anunciação, Purificação, Apresentação, etc., vêm deliberadamente escolhidas como que numa tipologia inversa, ou num *relato antinómico com o do valor simbólico delas*.

Donde que, por exemplo, na “anunciação” e no “nascimento” ...apareça a figura do “anjo” ironicamente confirmado como da “terra”, (ou até “demónio”) a apontar, sem dó nem piedade, o que em Jesus era expiação futura do crime de José, destino primogénito victimal. (Tudo de acordo com a lição de R. Girard em «La Violence et le Sacré»). Figura de “anjo” como pedinte de circunstância, magismo do quotidiano e expediente literário de quem não chegava à *imaginatio* e menos ainda uma *imaginatio vera*, para ver o que na anunciação, nascimento, etc., são puros hiatos — «saltos quânticos» se se quiser em metáfora moderna — de silenciosa compreensão espiritual. A manifestação do sagrado envolvente em presença insuspeita e só entrevista (p. ex. p. 50: «... um puro pensar sem objecto, nem palavras...»), quiçá na luz e silêncio aparentes, reenviaria para aquela remissão do igual, do monótono dos tons pardos com que Saramago paramenta a sua “igreja”.

O *noli me tangere* de ressurecta presença (Jo, 20:17) e o carácter críptico das próprias palavras evangélicas a ressoarem nesse mesmo registo são profanadas, tocadas, por um captar nelas mero estardalhaço grosseiro de gestos habituais: o Filho que se vira para a mãe e diz: «não me toques! (p.188).

É a *violação do pudor da palavra*, que não de Jesus (ou do Sagrado mesmo), pois esse sempre proclamaria «poder destruir o Templo e reconstruí-lo em três dias...» Não é por Saramago dizer que fala de Jesus Cristo, que se refere a Ele, mas apenas a uma personagem fictícia e homónima, ainda que a intenção de que seja o mesmo esteja no Saramago-falante. Porém, o que colhe a ofensa, o que faz chorar as pedras da “via sacra” do humano andar não é um anti-romantismo e,

por vezes, o grotesco de um mau gosto da brutal insensibilidade de Saramago. O que é ainda "pecado" nisto que está escrito é a não-aceitação, a recusa mesma daquela aspiração sem fim, a uma infinita Misericórdia divina. (Cf. p. 17).

Ao menos a fraterna solidariedade dos caminhantes na mesma sombra da dor dos homens, não aliviados com a mentira das palavras, não libertos com a idolatria de verdades históricas — mas *querendo por si mesmo andar*. Eis a denegação de Jesus na sua mesma mensagem-vida da incongruente significação. De facto, não é a *significação* razoável que se almeja, mas que ela o seja como *realização* possível, sendo preferível uma "mentira" poeticamente eficaz, do que uma verdade moralmente farisaica, na hipocrisia como a da escrita de Saramago.

O "crime" está pois em re-escrever os Evangelhos na sua verossimilhança literária, como pasquim menor — aliás, tal já havia sido feito no puro ódio judaico na história de Jesus como filho de uma prostituta e de um falsário... o *Toledoth Jesu*. Por que é que Saramago não se limitou a esse figurino — será que a intelectualidade literária exige o maior apuro nas palavras ou requinte em "filistianamente" dizer que o ódio já nem o é, e que não passa de uma outra hermenêutica anódina no terreno «bem comportado» da democracia das opiniões!?

Afinal, vale-lhe que entre os cristãos — enquanto "rebanho" bastante "doméstico", e talvez em parte a merecer o livro de Saramago, (com as estratégicas habituais da Igreja de nem sempre querer pugnar denodadamente, evitando mártires, ou ficar com o "odioso da questão" [até por acabar, dentro da lógica laicista e comunista, a beneficiar o "infractor" com um maior êxito]) — tem a sorte, sim, que entre os cristãos não haja hoje um estúpido fundamentalismo fanático que o viesse ameaçar, como fizeram alguns dos islamitas ao autor das «Versículos Satânicos», quando desrespeitou a tradição corânica. É que, e apesar de tudo, o mistério do Gólgota é afinal uma herança de Amor, oração e misericórdia, mesmo pelos supostos inimigos.

Perder de vista justamente *o que não se vê*, pois como disse Pessoa (A. Caetano):

«Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta adentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

— presença-ausente de uma outra profundidade da visão, incompatível com a "irónica" substantividade do que se supõe ser. Por isso «pensar em Deus», como faz Saramago, ainda que denegando-O

em Jesus, homem entre os humanos, «é desobedecer a Deus», como diz ainda Caetano; «porque Deus quis que O não conhecêssemos / Por isso se nos não mostrou...». Ocultá-lo em Jesus é o equivalente complementar de o supor patenteado n'Ele, quando a *re-velação* é de ordem evangélica, isto é, de um Novo, imarcescível e nunca dito anúncio. A sua verdade é-nos prenhe na adesão num *primeiro desconhecermos*, também perante Ele.

Assim, ao contrário da "Eterna Criança", do Menino Jesus "verdadeiro" — de a criança nova que habita onde vivo — a boa-nova do indizível e irreduzível no *poiético* do Evangelho — o texto de Saramago é o beco-sem-saída de uma leitura rotunda e fechada, afinal bem "vetero-testamentária", não podendo mais descobrir como Pessoa-Caetano:

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver, (...)»

Lisboa, 13 de Novembro de 1991

Carlos H. do C. Silva